

Relato de Experiência do Grupo Pia-Nós: ensaios, arranjos e performance sob a perspectiva da aprendizagem cooperativa

COMUNICAÇÃO

Josélia Vieira Alberda
UFPB – lectufpb@gmail.com

José Edmilson Coelho Falcão
UFPB – edmilson_net@ig.com.br

Dhiego Heráclito de Matos Costa
UFPB – dhiano@gmail.com

Resumo: Tomou-se por base a aprendizagem cooperativa aplicada ao piano em grupo (FISHER, 2006, 2010 e MEULINK, 2011) para conduzir os ensaios, arranjos e performance do grupo Pia-Nós. A partir da experiência em si e do questionário aplicado para avaliar a aplicação da teoria na perspectiva dos atores, concluiu-se que esta abordagem é uma importante ferramenta na formação do licenciando em práticas interpretativas, notadamente quanto à habilitação em piano, posto que se promovem teoria e prática aplicáveis à sua formação como professor de piano.

Palavras-chave: Piano em grupo. Aprendizagem cooperativa. Pedagogia do piano.

A Experience Report on Ensemble Pia-Nós: rehearsals, arrangements and performance from the perspective of the cooperative learning

Abstract: Our basis is on the cooperative learning applied to piano group (FISHER, 2006, 2010 and MEULINK, 2011) conduct the rehearsals, arrangements and performance of the ensemble PIA-NÓS. The experience itself and the questionnaire applied to evaluate the applicability of the theory on the actors perspective, let us conclude that the approach is a very important tool in the instructor training of the musical education major, promoting theory and abilities applicable in the student skills that could be used as a piano teacher.

Keywords: Group piano. Cooperative learning. Piano pedagogy.

1. O Grupo Pia-Nós

O grupo de piano surgiu como forma de prática de conjunto para os alunos do curso de licenciatura em práticas interpretativas da UFPB, que integram a equipe dos projetos de extensão e PROLICEN promovido pelo Laboratório de Ensino Coletivo de Teclado/Piano - LECT. O grupo possui cinco participantes, dos quais três são da habilitação em piano, um de clarinete – porém com proficiência em piano – e a docente coordenadora do Laboratório e do Projeto de Extensão. O projeto de extensão visa a promover a musicalização através do ensino coletivo para crianças do 4º ano da Escola de Educação Básica da UFPB, ao passo em que, o PROLICEN, foca na teoria e na prática do ensino do piano em grupo para licenciandos. Durante as reuniões da equipe, no espaço do laboratório de pianos, sempre se tocaram as músicas que serão trabalhadas com as crianças e alguns arranjos para pianos em grupo. Surgiu, então, a proposta de se agendar um encontro só para ensaios, para a construção de

arranjos e de performance de repertório para esta formação. Uma das características do piano em grupo é o desnível dos componentes, o Pia-Nós não foge à regra e, entre seus participantes, estão: um docente universitário e estudantes de períodos curriculares diferentes, de modo que possuem, isoladamente, um histórico musical bem diversificado. Uns com mais facilidade, tempo de estudo e técnica, outros com menos.

2. Aprendizagem cooperativa: breve histórico

O conceito de “cooperação” ou “colaboração”, segundo Torres (2007: 76), refere-se a atividades desenvolvidas em grupo com objetivos comuns, diferenciando-se por dinâmicas de grupo, coordenação e filosofia. Podem-se encontrar alguns pressupostos teóricos em teorias educacionais e propostas colaborativas como: O movimento da Escola Nova, nos trabalhos de Kurt Kofka e Kurt Lewin, psicólogos da Gestalt, e de Jean Piaget e Lev Vygotsky, teóricos do Construtivismo e do Sociointeracionismo (TORRES, 2007: 67).

A aprendizagem cooperativa, portanto, é

Um conjunto de técnicas e processos que os alunos utilizam com uma maior organização dentro do grupo de estudo para a concretização de um objetivo final ou realização de uma tarefa específica. É um processo mais direcionado do que o processo de colaboração e mais controlado pelo professor. (TORRES, 2007: 74).

Advoga-se, aqui, que o processo de escolha de repertório, condução dos ensaios e propostas para os arranjos do grupo de pianos foi direcionado pela docente, estratégia que se alinha, portanto, com o trabalho cooperativo descrito por Torres. Ao apropriar-se de atitudes próprias da prática cooperativa – como “o debate, a discussão, a reflexão individual e coletiva, o exercício da auto e da mútua-regulação, da resolução de problemas e de conflitos, da negociação, do consenso, da percepção do outro, e do respeito mútuo”, (TORRES, 2007: 87) –, procurou-se direcionar essas ações para o ensaio, a construção de arranjos cooperativos e a performance em grupo. Buscou-se proporcionar o que seria a classe ideal da aprendizagem cooperativa, segundo a qual “todos os alunos poderiam aprender como trabalhar cooperativamente uns com os outros, competir por prazer e trabalhar com autonomia e por conta própria”. (JOHNSON e JOHNSON, 1994, tradução nossa¹).

3. Aprendizagem cooperativa aplicada ao piano em grupo

Os pressupostos teóricos da aprendizagem cooperativa presentes nas novas escolas, pedagogias e pensamentos da educação no século XX influenciaram a pedagogia da música. Os métodos ativos da educação musical, representados por educadores musicais como

Émile Jaques-Dalcroze, Zoltán Kodály, Edgar Willems e Carl Orff – para citar os mais significativos – colocam o aluno em uma posição “ativa” no processo de aprendizagem ao abrir espaço para a criatividade, para a apropriação e para a construção de conceitos em lugar de suceder uma aprendizagem teórica típica do ensino denominado, atualmente, de tradicional (ILARI e MATEIRO, 2011).

Na aula de piano em grupo, a interação dos alunos, a participação ativa e o apoio, enfim, para que todos progridam são alguns dos aspectos que promovem a aprendizagem cooperativa, Fisher citando David e Rogers Johnson (*apud* LEMOS, 2012: 102) elenca cinco elementos fundamentais da aprendizagem cooperativa:

- **Interdependência positiva:** a responsabilidade do aprendizado passa a ser do grupo, levando os atuantes a compreender que sem ajuda ao desenvolvimento do colega, não será possível realizar a atividade proposta. Assim, não se pensa em realizar a tarefa individualmente, pois somente o grupo é capaz de concluí-la;
- **Interação face-a-face:** trata do diálogo que os atuantes fazem entre si para propor ideias, sugerir soluções de problemas e tratar do desenvolvimento de habilidades musicais. Esta interação contribui para trabalhar a inteligência interpessoal – dentre as inteligências propostas por Gardner (GARDNER, 1993) – a auto-estima e, subsequentemente, a Ansiedade na performance, que possui forte caráter psicológico;
- **Responsabilidade individual:** trata do compromisso que cada indivíduo possui perante o grupo, estando consciente de sua postura colaborativa e de busca pelo sucesso de todos para que a atividade tenha sucesso, não pensando somente nos benefícios próprios;
- **Habilidades Sociais:** diz respeito à capacidade de trabalhar em grupo, ouvir e propor novas ideias, relacionar-se com seus colegas e aceitar decisões em conjunto, questões raramente desenvolvidas em ambientes de trabalho individual;
- **Desenvolvimento em grupo:** trata da aquisição de conceitos e habilidades em função da realização prática da atividade em questão. Permite verificar naturalmente a apropriação de conceitos e habilidades, pois esta se faz em função do contexto da atividade e não de forma “artificial” ou essencialmente teórica. Questão semelhante ocorre na apreensão da técnica instrumental, trabalhando-a preferencialmente em situações reais no repertório ao invés de adquiri-la através de exercícios.

Acredita-se que, após a busca de aplicação no ensino de piano da perspectiva rogeriana do ensino centrado no aluno (VIEIRA, 2011 e VIEIRA; FALCÃO e SILVA, 2012) do modo que foi apropriado por Glaser e Fonterrada (2007), as pesquisas levadas a cabo conduziram à teoria da aprendizagem cooperativa. Dentro desta perspectiva, descreve-se, a seguir, um recorte da elaboração do arranjo de *Café 1830* (PIAZZOLA, 2009) para a performance de estreia do grupo.

4. Café 1830: ensaios, arranjos e performance cooperativa

A música *Café 1930* do compositor Astor Piazzolla (PIAZZOLA, 2009) foi uma das obras musicas ensaiadas pelo grupo Pia-nós. A peça originalmente escrita para violão e piano, possui uma versão para piano a quatro mãos que fora dividida, inicialmente, entre os integrantes do grupo da seguinte forma: o piano *primo* – com dois pianistas (Pianista A1 e A2), o piano *secondo* – com mais dois pianistas (pianista B1 e B2, acrescido de mais um pianista o C), responsável por fazer uma base harmônica utilizando de sua experiência em harmonia funcional. Durante o decorrer dos ensaios, o arranjo foi sendo rearranjado com base nas habilidades dos alunos de pianos que integram o grupo. Algumas dessas alterações sugeridas pelos envolvidos nos ensaios serão expostas a seguir:

A primeira alteração se deu logo no primeiro compasso, posto que foi inserido um “crescendo” seguido de um “decrescendo” com o timbre de cordas realizado pelos pianistas responsáveis pelo piano *primo* (A1 e A2), para dar um efeito dramático na primeira nota do primeiro compasso do piano *secondo*, estratégia esta que dobrou a sua duração (Fig. 1), para depois iniciar a introdução da música.



Figura 1 - Compasso de 1 a 4 do piano-secondo de Café 1930.
Fonte: (PIAZZOLA, 2009).

Com a utilização dos recursos disponíveis nos pianos digitais, os pianistas responsáveis pelo piano *primo* utilizaram o timbre de cordas para chamar a atenção para a melodia. Enquanto o piano *secundo* executava a parte escrita na íntegra, utilizando-se do timbre de piano (fig.2), somada à inserção de um piano-base – este responsável por trabalhar harmonicamente, em forma de acordes não registrados na pauta, feitos a punho pelo pianista C. Esta alteração só foi possível graças à larga experiência e habilidade técnica na prática da harmonia funcional (fig.3).

Figura 2 - Compassos de 13 a 20 do *piano-secondo* e *piano-primo* de *Café 1930*
 Fonte: (PIAZZOLA, 2009).

Figura 3 – Compassos de 1 a 9 do piano-base de *Café 1930*
 Fonte: (PIAZZOLA, 2009).

O arranjo sofreu mais uma alteração a partir do compasso 35, esta em face a dificuldade técnica, enfrentada pelos integrantes do grupo que faziam o *piano primo*. A agilidade exigida para o trecho não estava sendo atingida em virtude da limitação técnica dos pianistas A1 e A2. Foi feita a seguinte alteração entre os compassos 35 a 42: a melodia escrita do *piano-primo* – outrora executada pelos pianistas A1 e A2 passou a sê-lo pelo pianista C com a utilização do timbre de piano-elétrico, enquanto os pianistas A1 e A2 executam os acordes em destaque na partitura do *piano-secondo*, que utiliza o timbre de cordas (fig.4). Os pianistas B1 e B2 continuam com a leitura na íntegra do piano *secondo* com timbre de piano (fig.4). O ponto exato desta mudança está assinalado com uma seta na pauta do *piano primo* (fig.4) e com elipse nos acordes do piano *secondo* (fig.4).

Figura 4 - Compassos de 33 a 38 do *piano-secondo* e do *piano primo* de *Café 1930*
 Fonte: (PIAZZOLA, 2009).

O mesmo procedimento de inversão se repete a partir do compasso 102 ao 110, quando a música é finalizada com um arpejo escrito no último compasso para o piano *secondo*, todavia realizado por todos os pianistas a cada 3 notas do arpejo (fig. 40) na seguinte sequência de execução por parte dos pianistas: B1, B2, A2 e A1.

The image displays two columns of musical notation. The left column is titled 'Piano - Secondo' and the right column is titled 'Piano - Primo'. Both columns show measures 100 through 113. The notation includes treble and bass clefs, notes, rests, and dynamic markings such as *mf*, *dim.*, and *rall.*. Several notes in both parts are circled in red, highlighting specific arpeggiated chords. An arrow points to a specific measure in the Piano - Primo part.

Figura 5: Compassos de 100 a 113 do piano *secondo* e do piano *primo* de *Café 1930*
Fonte: (PIAZZOLA, 2009)

5. Aprendizagem cooperativa: percepção dos autores

Para investigar a percepção dos autores em relação à aprendizagem cooperativa, elaborou-se um questionário semiestruturado que foi aplicado ao grupo, exceto à docente, e que abordou alguns aspectos inerentes da ação face à abordagem da aprendizagem cooperativa.

A única questão aberta versou sobre a formação como intérprete e investigou quais os benefícios extraídos da performance em grupo que podem ser aplicados na prática individual de piano quanto à percepção do aluno. Houve citações sobre incremento da responsabilidade de preparar as peças, motivação para o estudo individual a partir do envolvimento com o grupo, desenvolvimento da segurança na performance individual, desinibição no palco, percepção da importância das partes da música (melodia, harmonia, ritmo) durante a prática em grupo e transferida para prática individual, além de um estudante ter apontado o estímulo à criatividade e à liberdade de interpretação a partir do fazer musical compartilhado.

Três questões objetivas investigaram: a) a percepção dos músicos sobre o trabalho cooperativo; b) sobre a percepção de autoconfiança durante a performance; c) sobre a percepção da satisfação após a performance.

Quanto à primeira questão, todos sentiram-se cooperativos e incluídos. Quanto à

autoconfiança na performance, um pianista se sentiu confiante, ao passo em que três sentiram-se muito confiantes. Nenhum apontou insegurança em nenhum aspecto da performance. Finalmente, quanto à percepção de satisfação após a performance, todos autodenominaram-se “muito satisfeitos”.

De acordo com os resultados logrados, verificou-se que vários aspectos que fundamentam a teoria do ensino cooperativo foram alcançados como, por exemplo, o envolvimento de todos durante a ação, o que, de fato, exige do professor um domínio de competências para lidar com esse desafio por meio do qual se conduz a aula em grupo para todos e não para um aluno por vez. Esse desafio foi claramente alcançado uma vez que todos os alunos sentiram-se incluídos no processo de criação musical do Pia-Nós.

Dentre os elementos citados por Fisher, ao tratar de ensino de piano em grupo, pôde-se constatar que a habilidade social que diz respeito à dependência um do outro foi um ponto positivo segundo alguns participantes. Essa dependência um do outro revela ser eficiente para a aprendizagem cooperativa, uma vez que o estudante é confrontado com diversos pontos de vista e a diversidade do grupo – em termos de experiência e conhecimentos – contribui positivamente para o aprendizado.

6. Conclusão

Da experiência vivida, depreendeu-se que a proposta de inserir elementos da aprendizagem cooperativa para a condução dos ensaios, arranjos e performance do Grupo Pia-Nós revelou-se eficiente e possível, posto que possibilitou um ambiente interativo e dinâmico ao tornar o processo de aprendizagem mais interessante e motivador.

Referências:

FISHER, Carl. *Applications of selected cooperative learning techniques to group piano instruction*. Norman, 2006. 131f. Tese (Doutorado em). Universidade de Oklahoma, Norman, 2006.

FISHER, Carl. *Teaching piano in groups*. New York: Oxford, 2010.

GLASER, Scheilla e FONTERRADA, Marisa. *Músico-professor: uma questão complexa*. Música Hodie, Goiânia, Vol. 7, N. 1, p. 27-49, 2007.

ILARI, Beatriz; MATEIRO, Teresa (Org.) *Pedagogias em educação musical*. Curitiba: Ibpex, 2011.

JOHNSON, Roger T; JOHNSON, David W. An Overview Of Cooperative Learning. In: THOUSAND, Jacqueline; VILLA, Richard.; NEVIN, Ann. (Orgs.). Disponível em *Creativity*

and Collaborative Learning. Baltimore: Brookes Press, 1994. Disponível em: <<http://www.co-operation.org/home/introduction-to-cooperative-learning/>> Acesso em: 1º mai. 2013.

LEMOS, Daniel. Considerações sobre a elaboração de um método de Piano para Ensino Individual e Coletivo. In: *Revista do Conservatório de Música da UFPEL*, Pelotas, N. 5, p. 98-125, 2012.

MEULINK, Judie N. *Cooperative learning methods for group piano: the development of a teaching guide*. Tese (Doutorado em Artes). Ball State University, Muncie, 2011.

PIAZZOLA, Astor. *Café 1930 pour piano à 4 mains*. Paris: Henri Lemoine, 2009.

SILVA, Hélio G. Medeiros da; VIEIRA, Josélia Ramalho. Relato de experiência na produção de arranjos musicais para execução nas aulas coletivas do MECT. In.: ENCONTRO DE EXTENSÃO, 12., João Pessoa. *Anais...João Pessoa*: UFPB, 2010.

TORRES, Patrícia Lupion; IRALA, Esrom Adrian F. Aprendizagem colaborativa. In: TORRES, Patrícia Lupion (Org.). *Algumas vias para entretecer o pensar e o agir*. Curitiba: SENAR-PR, 2007. p. 65-98.

VIEIRA, Josélia Ramalho; FALCÃO, José Edmilson; SILVA, Hélio G. Medeiros da. Musicalização através do ensino coletivo de teclado/piano: a abordagem centrada na pessoa em um projeto de extensão universitária na UFPB. In.: ENCONTRO INTERNACIONAL DE PIANO EM GRUPO, 2., Goiânia. *Anais...Goiânia*: UFG, 2012.

¹ In the ideal classroom, all students would learn how to work cooperatively with others, compete for fun and enjoyment, and work autonomously on their own.